



## **MODO DE VIDA DOS HAITIANOS EM PORTO VELHO (RO): LÍNGUA, PERTENCIMENTO E RELIGIÃO**

*Way of life of Haitians in Porto Velho (RO): language, belonging and religion*

*Fason ayisyen yo viv nan Porto Velho (RO): lang, apatenans ak relijyon*

Charlot Jn Charles\*

Leide Joice Pontes Portela\*\*

Josue da Costa Silva\*\*\*

Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

DOI: 10.29327/256659.15.1-4

### **RESUMO:**

Neste artigo discutimos o modo de vida dos haitianos em Porto Velho – RO, levando em consideração aspectos como a língua, no caso o crioulo haitiano, e a religião. Esta pesquisa foi realizada a partir do uso de dados bibliográficos, da observação participante e da história oral. Para obtenção dos dados, realizamos entrevistas em crioulo haitiano, língua materna do autor principal e dos entrevistados. A pesquisa possibilitou a compreensão sobre a interculturalidade no processo migratório dos haitianos em Porto Velho – RO, uma vez que a língua materna e a religião são elementos que se configuram como práticas socioculturais que contribuem para o fortalecimento da coletividade haitiana no Brasil, produzindo um sentimento de pertencimento, acolhimento e segurança.

**Palavras-chave:** Imigração Haitiana; Língua Crioula; Religião; Coletividade.

### **REZIME:**

Nan atik sa a nou diskite fason ayisyen yo viv nan vil Porto Velho – RO, pandan nou pran an kont aspè lang, nan ka sa a ki se kreyòl ayisyen epi relijyon. Se yon rechèch ki fèt avèk done bibliyo-

---

\*Negro, migrante haitiano, nascido em Tiburon Sul – Haiti. Doutorando em Geografia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e pesquisador no Instituto Maria e João Aleixo. E-mail: [charlotci03@gmail.com](mailto:charlotci03@gmail.com)

\*\*Doutoranda em Geografia pelo Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em Geografia na Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Pesquisadora do G.E.P. Cultura. E-mail: [joice.portela13@gmail.com](mailto:joice.portela13@gmail.com)

\*\*\*Professor titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Pesquisador do G.E.P.Cultura. E-mail: [jcosta@unir.br](mailto:jcosta@unir.br)

grafik, obsèvasyon patisipan epi istwa oral. Pou nou kolekte done anpirik yo nou fè antrevi yo an kreyòl ayisyen, lang matènèl otè prensipal atik la sansanm ak moun ki te bay antrevi yo. Gras a rechèch la nou rive konprann entèkiltirèlite ki genyen nan pwosesis migratwa ayisyen yo nan vil Porto Velho – RO, yon fwa ke lang matènèl la ak relijyon se eleman ki konfigire kòm pratik sosyokiltirèl ki kontribiye pou rann kominote ayisyen nan Brezil vin pi dyanm, li fè moun yo gen inite antre yo, yo santi yo byen resevwa yo e yo santi yo an sekirite.

**Mo kle:** Imigrasyon Ayisyèn; Lang Kreyòl; Relijyon; Kominote.

## INTRODUÇÃO

A presença do povo haitiano no território brasileiro, especialmente na Amazônia é uma realidade. No Estado de Rondônia, a aparição dos mesmos é marcada pelo contraste existente entre os costumes, crenças e culturas de um novo recorte espacial que se desenha a partir das suas territorializações. Apesar das inúmeras diferenças socioculturais e linguísticas entre a nação haitiana e brasileira, muitos haitianos(as) que vivem no Haiti, enxergam o Brasil como um país com grande potencial de ofertar oportunidades, diferentemente do país caribenho, que é imerso em crises políticas e econômicas.

Podemos afirmar, grosso modo, que na visão de quem mora no Haiti, o Brasil dispõe de um mercado de trabalho aberto e receptivo, que combinado a baixa burocracia para entrar no país, o Brasil passa a se tornar um ponto migratório. Esses fatores funcionam como uma mola propulsora que os impulsionam a migrar para o território brasileiro - bem como outros países - em busca de emprego e melhores condições de vida. Muitos acreditam que ao adentrarem em um novo país, a inserção no mercado de trabalho será rápida, sendo essa a maior esperança que sustenta as incertezas e as fragilidades de estarem fora da sua terra, até mesmo amenizando a ausência da família e as barreiras sociais, culturais e linguísticas impostas. Alguns imigrantes ficam semanas e até meses sem conseguir nenhuma atividade remunerada, e quando conseguem, são geralmente atividades com o valor muito abaixo do que é pago aos brasileiros.

Nesse contexto, em grande parte dos casos, o Brasil construído em suas imaginações, passa a ser um país de desilusão. Além de não poderem suprir suas necessidades básicas, como a alimentação, aluguel, transporte, etc., carregam consigo a responsabilidade de sustentarem financeiramente as suas famílias que ficaram em sua terra de origem. Contudo, o que mais perturba os haitianos e os deixam angustiados é a ausência do afeto e da presença dos entes queridos concomitante ao sentimento de fracasso por não conse-

guirem suprir as necessidades de quem lá ficou, e principalmente, de continuar a alimentar os sonhos daqueles que amam.

O maior desejo entre os imigrantes em relação às suas famílias é de um dia trazê-las para viver junto consigo em terras brasileiras, ou voltar para construir algo que possibilitará bom rendimento econômico, conduzindo-os ao enfrentamento das dificuldades cotidianas, que talvez sejam as mesmas que um dia os obrigaram a deixar seu país. Àqueles que persistem encontram muitos percalços que podem ser vencidos somente quando a vontade e a esperança por um futuro melhor são maiores do que as incertezas do presente.

O deslocamento, a força e a determinação desse povo, bem como suas tristezas, dores, angústias, conquistas e alegrias proporcionadas pela chegada em um novo país, é aqui investigada e analisada a partir das entrevistas que iniciaram em fevereiro de 2021 e finalizaram em julho do mesmo ano. As entrevistas foram realizadas mediante agendamento prévio, na casa de cada entrevistado(a), com tempo médio de 2h (duas horas).

Sendo esta pesquisa realizada por um haitiano que vive na região amazônica, cabe ressaltar que há o estudo das principais rotas de imigração não só na Amazônia brasileira, mas, sobretudo, em outros estados desse país gigante, com ênfase no recorte territorial de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia.

Para alcançar resultados satisfatórios no desenvolvimento da pesquisa, foi levado em consideração a língua originária do Haiti, a língua crioula, e a religiosidade, sob o olhar da geografia da religião. A pesquisa bibliográfica junto da observação participante e da história oral constituem o caminho metodológico que fizemos neste estudo. Levando em consideração que o autor principal é um haitiano que vive no Brasil, este trabalho faz parte daquilo que Velho (1978) trata como estudar o que está próximo, a sua própria sociedade. Desmitificando a tradicional premissa da ciência que é necessário haver uma distância entre o investigador e o seu “objeto” de trabalho. A observação participante, aqui, serve para a quebra desse dogma do distanciamento e da neutralidade, uma vez que o contato entre o investigador e os investigados parte da comunidade haitiana no Brasil, da qual um dos autores faz parte, isto é, de dentro para fora e não o contrário, havendo certas proximida-

de e semelhanças, como a nacionalidade, a língua e a cultura. Utilizamos os depoimentos de três entrevistados naturais do Haiti: *Guerrier*,\* *Espérance*<sup>†</sup> e *Persévérance*.<sup>‡</sup>

É importante ressaltar que os nomes dos entrevistados são fictícios e foram escolhidos por eles mesmos. *Guerrier*, *Espérance* e *Persévérance*, é a maneira como se veem e se consideram fora de seu país de origem, tal medida foi adotada objetivando preservar suas identidades. Além disso, as entrevistas foram realizadas individualmente, no intuito de fazer com que cada entrevistado se sentisse livre e à vontade para falar sobre sua trajetória no território Rondoniense, a fim de valorizar a subjetividade de cada sujeito da pesquisa, mantendo a particularidade de cada trajetória.

*Guerrier* tem 25 anos de idade e nasceu no Haiti, na cidade de Gonaïves, norte do país. Vindo de uma família com poucos recursos, composta por pai, mãe e mais cinco irmãos, chegou ao Brasil em fevereiro de 2014. Mesmo diante de tantas dificuldades, leva adiante os seus objetivos planejados antes de deixar sua terra natal. Atualmente, *Guerrier* estuda Filosofia em uma universidade pública, faz estágio em um órgão público ligado à justiça e é professor em um projeto de extensão, atuando também como professor particular de língua francesa. O mesmo acredita que o ensino superior abrirá portas para um futuro promissor e digno.

Já *Espérance*, de 29 anos, pertence ao Estado de Artibonite – Haiti, provém de uma família desprovida economicamente, constituída por sete irmãos: três homens e quatro mulheres. No Brasil, casou-se com uma pessoa de nacionalidade brasileira e estabeleceu família e raízes. Atualmente é mãe de três filhos, sendo um menino e duas meninas, residindo na cidade de Porto Velho/RO. Chegou ao Brasil no dia 12 de outubro de 2011, na cidade de Brasiléia, no Acre, e somente no dia 3 de janeiro de 2012 chegou a Porto Velho.

*Persévérance* está com 24 anos, é solteira e nasceu em Porto Príncipe, capital do Haiti. Por ser natural de Porto Príncipe, o centro da grande tragédia que envolveu o terremoto, acabou por perder um grande número de familiares, também perdas materiais e a desestabilização financeira e emocional. *Persévérance* se difere dos demais entrevistados,

---

\* Em português significa Guerreiro, ou seja, aquele que não tem medo de lutar para realizar seus sonhos de uma vida melhor.

<sup>†</sup> Esperança, isto é, apesar de todas as dificuldades enfrentadas nas terras brasileiras acredita que seus sonhos vão ser realizados.

<sup>‡</sup> Perseverança, as vezes na vida é preciso perseverar e lutar com dignidade para chegar onde quer chegar.

pois antes de deixar o Haiti conseguiu o visto para entrar no Brasil de forma regular, e não na condição de refugiada, como grande parte dos haitianos que chegaram e residem no país. Desta maneira, a trajetória de *Persévérance* é distinta dos demais, quase que rara. Atualmente, trabalha e estuda em um curso de técnico em enfermagem numa instituição privada em Porto Velho. Assim como *Guerrier* e *Espérance*, *Persévérance* vê a educação e o estudo como um meio de prosperar.

As narrativas dos entrevistados e a vivência do autor principal, nos levam a compreender uma parte da condição humana em que se dá a situação de imigração. A pesquisa, nesse caso, é uma forma de apreender e interpretar a realidade do fenômeno de imigração a partir das características culturais e das emoções produzidas pelos haitianos no Brasil. Além de ser uma forma de visibilizar nosso povo que, por muitas vezes, é ignorado. Por meio dessa pesquisa, consideramos dispor de dados suficientes para expressar a realidade haitiana e contribuir para a manutenção das raízes dos haitianos fora de sua nação.

Acreditamos ser necessário informar que todas as entrevistas foram realizadas na língua materna, o crioulo haitiano, e não em francês, língua imposta pela colonização. Isso oportunizou que o pesquisador e os entrevistados mantivessem um maior envolvimento e profundidade, criando um ambiente que fosse imerso na ideia de pertencimento, naquilo que é subjetivo, mesmo estando a tantos quilômetros de distância do Haiti (JN CHARLES, 2020).

## **FATORES HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA MIGRAÇÃO HAITIANA**

O ser humano, desde os primórdios, vez ou outra, realiza um tipo de deslocamento que o coloca na condição de emigrante ou imigrante. Essa situação é marcada pela saída do seu país e entrada em outro. Nesse sentido, a migração tem como principais causas as perseguições políticas e religiosas, crises econômicas e sociais, a exemplo de violência, desemprego, vulnerabilidade e falta de perspectivas no local de origem. Tais situações impulsionam determinados grupos humanos a buscarem melhores condições de vida, lutar pela dignidade, cidadania e sobrevivência, tal como é o caso do povo haitiano<sup>5</sup>, residente em outros países. Na fala de *Guerrier*, podemos constatar isto,

---

<sup>5</sup> A maioria dos haitianos(as) deixaram sua terra natal pela falta de emprego, o terremoto de 2010, a instabilidade política dentre outras.

Naquela época cada haitiano via o Brasil num aspecto diferente. Entendeu? Mas na minha visão, vi sempre o Brasil como um país rico. Naquela época, se não me engano, era o 6º Poder Econômico Mundial. Vi também o Brasil como um país que atrai muitos turistas, como um lugar onde eu poderia encontrar mais oportunidades e ter perspectiva de vida, se comparado ao Haiti que é um país com menos oportunidade. É claro que quando se viaja para um país mais “desenvolvido” encontrar-se-á mais oportunidades (Tradução nossa).

A fala do *Guerrier* reforça a ideia que quando uma pessoa emigra, está à procura de melhores condições de vida. Na narrativa de *Guerrier* fica explícito que Haiti é um país com menos oportunidades, mas afinal, por que isso ocorre? O Haiti, por mais que as tragédias naturais e crises sociais sejam intensas, é um país de grande importância na história da humanidade, pois foi a primeira República negra do mundo a conquistar a independência (Roupert; Salgon, 2011; JN Charles, 2020). Infante (2005), caracteriza a ilha onde Haiti se localiza como “Uma ilha, dois mundos”, devido ao fato dela abrigar dois países: República Dominicana e a República do Haiti. Ambos os países possuem saída para o mar, além de condições físicas e climáticas capazes de promover satisfatória produção de alimentos.

Figura 1: Localização do Haiti na América Central



Fonte: IBGE (2012, p. 10).

Infelizmente a má governança dos dirigentes haitianos e o egoísmo de alguns países, impede que ele seja verdadeiramente livre. O colonialismo francês produziu uma dinâmica de violência que põe o país e seus habitantes em uma situação de instabilidade. O resultado disso se mostra na triste realidade em ocupar uma das últimas posições no ranking dos países com melhores condições econômicas do continente Americano, aferido pela Organização das Nações Unidas – ONU, por meio do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)\*\*

A situação de pobreza vigente no país dificulta que os haitianos tenham uma vida estável e que consigam o básico para sua sobrevivência, deixando-os descrentes de um futuro diferente do qual vivem. Tal fato influencia para que realizem o movimento de migração externa, vivendo como imigrantes em outros países. Infelizmente, essa busca não se concretiza para todos, pois nesse percurso alguns morrem sem realizar os seus sonhos e dos seus (Roupert; Salgon, 2011).

Os problemas econômicos e a falta de emprego da República do Haiti não é fruto do século XXI, eles se arrastam pelo país há muitos anos, tendo como principal causa os governos corruptos que têm como objetivo o bem de pequenos grupos, isto é, que governam visando enriquecer uma pequena parcela da população e não na distribuição de renda para todos e todas. Na década de 1990, depois de longo período de instabilidade e violência, foram realizadas novas eleições presidenciais na ilha caribenha. O resultado das eleições foi satisfatório, uma vez que a população haitiana elegeu Jean Bertrand Aristide (1990-1995), ex-padre salesiano e partidário da teologia da libertação, sendo o primeiro presidente eleito democraticamente (1990)<sup>††</sup> (Lockhart, 2015).

Entretanto, o sonho da população em (re)construir seu país, rapidamente, foi morto. Após assumir o cargo e chegar ao poder em 1990, Jean Bertrand Aristide recebeu um golpe de estado por parte dos militares e foi obrigado a deixar o país em 1991, tendo que ficar exilado nos Estados Unidos entre os anos de 1991 a 1994. É importante levar em consideração que o golpe não foi apenas ao cargo político, mas, sobretudo nos sonhos e anseios da população, nas perspectivas e esperanças que cada haitiano(a) carregava em si de viver em seu país e ter uma vida digna.

---

\*\* Índice de Desenvolvimento Humano.

<sup>††</sup> Jean-Bertrand Aristide, son premier président démocratiquement élu en 1990.

Porém, no ano de 1994 a voz do povo e o respeito a sua escolha é, finalmente, levado em consideração (Lockhart, 2015). Ainda segundo o autor, o Haiti viveu, então, três anos de terror e de repressão até a sua volta, em 1994, para terminar o seu mandato. Em 1996, Jean-Bertrand Aristide volta a ser o primeiro presidente eleito a passar o poder a outro presidente eleito, René Préval, sendo o primeiro presidente a completar um mandato desde que o país conhece o sistema da democracia (Lockhart, 2015).

Em 2000, mais uma vez Aristide foi eleito presidente do país, em razão de muitas discordâncias entre a sua maneira de governar e a visão de boa parte da população, sem sequer terminar o mandato, ele foi obrigado a deixar o cargo em 2004. Ação que só ocorreu após muitos atos de violências, marcada pela matança entre políticos e partidários do ex-presidente Aristide. De acordo com a lei do país, regida pela Constituição de 1987, imediatamente o cargo ficou sob a responsabilidade do presidente do Supremo Tribunal Haitiano (STH), Bonifácio Alexandre assumiu o comando do país.

Nesse mesmo ano, no dia 29 de fevereiro, o então presidente solicitou ajuda à ONU, para a contenção da crise que assolava o Haiti. O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), atendendo ao pedido do então mandatário interino, estabeleceu a Força Multinacional Interina (MIF) e em abril de 2004 o conselho aprovou a “resolução 1542 (2004)” dando a origem MINUSTAH - Missão das Nações Unidas pela estabilização do Haiti.<sup>††</sup>

Em 12 de janeiro de 2010, Haiti se transforma em uma grande catástrofe natural, que se torna ainda mais penosa devido à sua condição de instabilidade econômica. A ocorrência de um abalo sísmico (terremoto) de magnitude 7,3 na escala de Richter balançou o país e trouxe consequências profundas à população e aos cofres públicos. A capital do Haiti, Porto Príncipe, por exemplo, foi atingida e estima-se que 80% das construções foram seriamente danificadas, incluindo, escolas, hospitais, postos policiais e o próprio palácio presidencial. Além de danos materiais, mais de 222.500 haitianos (as) perderam a vida e 1,5 milhões ficaram desabrigadas em razão do fatídico<sup>§§</sup> acontecimento.

A ocorrência do terremoto acabou por acentuar os problemas existentes no país, expondo a difícil situação socioeconômica enfrentada pela população desde décadas ante-

---

<sup>††</sup> Résolution 1542 (2004) Adoptée par le Conseil de sécurité à sa 4961e séance, le 30 avril 2004. Disponível em [http://www.haiticulture.ch/Resolution\\_1542.html](http://www.haiticulture.ch/Resolution_1542.html).

<sup>§§</sup> Haïti: bilan officiel du séisme de plus de 222.500 morts. Disponível em: <http://www.leparisien.fr/flash-actualite-monde/haiti-bilan-officiel-du-seisme-de-plus-de-222-500-morts-24-02-2010-827186.php>. Acesso no dia 5 de novembro de 2021.

riores. De acordo com Scheinkmann (2016, p. 89) “o Brasil, nos últimos anos, vem recebendo um número crescente de imigrantes, dentre os quais de haitianos, [...] desde o terremoto que atingiu o país caribenho em 2010”. Ao perceber o fluxo migratório dos haitianos no território brasileiro, a presidenta Dilma Rousseff visitou o Haiti e no dia 2 de fevereiro de 2012, na tentativa de ajudar o país a se reerguer e principalmente, dar um fôlego na população que necessitava de um olhar além das possibilidades oferecidas pelo governo do Haiti.

Na ocasião, a presidenta Dilma Rousseff fechou um acordo com o presidente Michel Martelly para deter a imigração irregular dos haitianos para o Brasil, onde prometeu assinar 1.200 vistos,<sup>\*\*\*</sup> facilitando a entrada regular no país aos haitianos com visto emitido pela embaixada brasileira em Porto Príncipe - Haiti. Nessa perspectiva, o relato do *Guerrier*, vai de encontro com o fato ocorrido entre Brasil e Haiti:

Entretanto, naquela época que saí do Haiti foi a época em que a presidenta Dilma Rousseff assinou um acordo com o presidente Michel Martelly, após o terremoto do Haiti. Aproveitei esta oportunidade; entrei ao Brasil, passei pela República Dominicana, entrei sem visto, como um refugiado. Mas sabendo que ao chegar ao Brasil o processo para ter documentos legais não seria muito difícil (Tradução nossa).

Os Haitianos que aqui chegavam, não buscavam somente emprego, mas desejavam, especialmente, o ingresso no ensino superior. O acesso ao ensino superior no sistema educacional haitiano é muito difícil devido ao alto custo do ensino superior privado e a pouquíssimas vagas no ensino público, fatos que forçam os haitianos a emigrar para outros países em busca do pão intelectual (JN Charles; Silva, 2018). Além disso, naquela época, o Brasil era reconhecido à nível internacional como um país de economia crescente. Notícias como essas fizeram com que habitantes de países com economia decadente enxergassem o Brasil como um lugar de muitas oportunidades.

A participação do Brasil nas missões das Nações Unidas pela estabilização no Haiti (Minustah) de junho de 2014 a 15 de outubro de 2017<sup>†††</sup>, o que garantiu uma participação de destaque em encontros internacionais (Scheinkmann, 2016). Cabe ressaltar o sentimen-

---

<sup>\*\*\*</sup> Brasil e Haiti fecham acordo para deter imigração ilegal. Disponível em <https://veja.abril.com.br/politica/brasil-e-haiti-fecham-acordo-para-deter-imigracao-ilegal/>.

<sup>†††</sup> Fim da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. Disponível em <https://www.campograndenews.com.br/artigos/fim-da-missao-das-para-a-estabilizacao-do-haiti>.

to de humanismo demonstrado tanto pelo governo brasileiro, quanto a uma parte da sociedade civil brasileira para com os haitianos, permitindo não só sua entrada e estabelecimento no país, mas também a disposição de muitos cidadãos para ensinar a língua portuguesa aos imigrantes, o que podemos entender como uma forma de acolhimento.

## **O PROCESSO DE DESLOCAMENTO E ENTRADA NO BRASIL**

Grande parte dos haitianos e haitianas, para deixar o país, necessitam passar pela capital Porto Príncipe antes de adentrarem na República Dominicana. É fundamental considerarmos que essa rota, na maioria das vezes, é realizada por aqueles que por questões financeiras não conseguem pegar o voo direto que há em Porto Príncipe rumo ao destino final, tendo que optar por meios alternativos.

Os principais trajetos realizados pelos haitianos para entrar em território brasileiro são dois: o primeiro indica a saída do Porto Príncipe, passando pelo Panamá, Equador, Peru, e finalmente chegando a Tabatinga (Amazonas), no Brasil. O segundo é realizado saindo da República Dominicana, percorrendo os países do Equador e Peru, adentrando em solo brasileiro pela cidade de Brasiléia (Acre) (Pereira, 2016). Seguindo esse mesmo pensamento, *Guerrier* declara que chegou ao Brasil pela segunda rota.

Passei pela República Dominicana e desde lá até o Equador viajei de avião. Do Equador ao Brasil viajei de ônibus porque quando saí do Equador, tive que passar pelo Peru, e para atravessar a fronteira do Equador com Peru tinha que viajar de ônibus. Do Peru ao Brasil fiz grande parte do percurso de ônibus e próximo à fronteira com o Brasil, peguei táxi para eu entrar na fronteira brasileira e ir diretamente ao refugiado (Tradução nossa).

Além das dificuldades encontradas ao longo da viagem para chegar ao território brasileiro, alguns haitianos provam a amarga experiência de serem saqueados por pessoas que aproveitam de suas limitações físicas, emocionais, sociais e principalmente da falta de entendimento de outro idioma (Pereira, 2016). As lutas são diárias e com isso percebe-se a vontade intrínseca existente nesses que mesmo diante de um futuro incerto, de percalços no meio do caminho, acreditam no poder da transformação. Para confirmar tais dados e salientar a fala de Pereira (2016), *Guerrier* relata os problemas enfrentados até chegar ao Brasil.

Foi um percurso muito difícil para mim, porque meu dinheiro era pouco, não tinha muito dinheiro em mãos. Quando cheguei à fronteira entre Peru e Equador, meu dinheiro acabou. Porém, graças a Deus, meus parentes me enviaram dinheiro para eu seguir a viagem. No caminho, muitas pessoas me roubaram, pelo fato de eu não compreender a língua espanhola, as pessoas cobravam a mais pelos serviços prestados ou pelos alimentos (Tradução nossa).

Fica claro que *Guerrier* foi vítima de pessoas que aproveitaram da sua condição de imigrante para tirar vantagens sobre o mesmo. Entretanto, as dificuldades e as atitudes antiéticas dos outros não cessaram por aí. A travessia do *Guerrier* do Equador para o Peru para finalmente chegar à República Federativa do Brasil foi marcada por erros que culminaram em prejuízos financeiros, que chegou a classificar as situações sofridas como “abuso”. Indignado, ele explica que a intenção das autoridades policiais locais era nada menos do que se aproveitar do pouco dinheiro que ele tinha, definindo os nove dias de percurso como “nove dias sofridos”.

Digo abuso sim, sofri a tal ponto que cheguei num limite onde quando atravessasse a fronteira do Equador, já entrando no Peru, a polícia me mandou de volta porque as pessoas que me receberam não eram pessoas boas. Eram pessoas que precisavam de dinheiro e se aproveitavam dos haitianos que necessitavam atravessar a fronteira. Quando cheguei na delegacia policial, já no Peru, não me deixaram atravessar e me mandaram novamente de volta. Em uma segunda tentativa, outra pessoa que tinha mais confiança em mim, me deu a oportunidade de atravessar o Peru. Foi na segunda vez que consegui atravessar, foram nove dias muito difíceis para nós (Tradução nossa).

*Espérance*, em sua entrevista apresenta características similares ao do jovem *Guerrier*, à mesma relata que,

Passei por Santo Domingo (República Dominicana), Panamá e Peru até chegar no Brasil. Foram quatro dias de viagem, presenciei muitos fatos tristes contra meus irmãos de nação. Em alguns territórios fomos humilhados pela nossa origem e nos acusavam de querer roubar o espaço da população local. Nunca tive isso em mente, ao sair do meu país eu apenas criei em mim muitas expectativas de trabalhar dignamente e com honestidade para ter um futuro melhor para mim e se possível, ajudar minha família. As mulheres imigrantes viviam amedrontadas, pelos olhares atravessados e pelas palavras que ouviam, que com o convívio e com o passar do tempo passamos a entender o que significava. Ajudamo-nos como podíamos, porque os meus sonhos eram muito parecidos aos de outros imigrantes, bem como as dificuldades passadas no Haiti, e era uma maneira de nos proteger, estando em

grupo, sempre perto de outros imigrantes. No percurso perdi minha mala e um computador. (Tradução nossa).

Ambos os relatos são muito diferentes da experiência vivenciada por *Persévérance* que saiu diretamente de Porto Príncipe de avião e teve uma viagem mais tranquila e segura. Relata-se que: “saí do meu país e peguei o voo na Capital Porto Príncipe e fiz Panamá – Manaus. Deixei o meu país numa tarde e no dia seguinte de madrugada estava no solo Brasileiro” (Tradução nossa).

De acordo com Pereira (2016), de modo geral, o ponto de partida é o próprio Haiti e, depois, a República Dominicana. Muitos haitianos passam pela República Dominicana pelo fato de o Haiti ter fronteira com este país. Outra vantagem é que às vezes a passagem aérea partindo da República Dominicana para outros países da América do Sul, compensa mais, ou seja, sai mais barato se comparado com a rota aérea saindo do Haiti com destino direto ao Brasil. Dependendo da cidade onde o imigrante pretende desembarcar, a diferença gira em torno de R\$ 500 ou mais.

Ainda sobre o processo de entrada no solo brasileiro, de acordo com (Handerson, 2015, p. 15), observa-se que a maioria dos imigrantes haitianos e haitianas chegaram ao Brasil cruzando as fronteiras do Peru, Bolívia e outros países Latino-Americanos, passando pela região amazônica antes de adentrar em outros lugares do Brasil, uma vez que “os primeiros haitianos a passar pela Tríplice Fronteira Brasil, Colômbia e Peru chegaram a Manaus em maio de 2011”. O trajeto percorrido pelos imigrantes nos faz pensar que ao longo do caminho, muitos podem ter estabelecido moradia em outros países, principalmente na Pan-Amazônia.

## **HAITIANOS EM RONDÔNIA:**

### **MODO DE SER, LÍNGUA ORIGINÁRIA E A RELIGIOSIDADE**

A língua *crioula* pode ser definida como: crioulo haitiano ou, simplesmente, haitiano. Quando alguém do Haiti verbaliza que “fala haitiano” significa dizer que a pessoa fala a língua crioula. O crioulo, assim como toda língua, tem suas complexidades e particularidades, não existindo apenas um único tipo de crioulo. Entretanto, segundo os estudiosos da língua haitiana, o crioulo haitiano é o mais falado entre todas as demais línguas crioulas ditas no mundo (Védrine, 2007). Nesse contexto, levando em consideração o valor expressivo da

língua haitiana, usaremos o termo “haitiano”, ao invés de apenas “crioulo” para nos referirmos ao idioma originário do Haiti.

Mesmo com a diáspora, existem mais de um milhão de pessoas que falam o haitiano. Essas pessoas residem em países como: Estados Unidos, Canadá, Chile, Guiana Francesa, Cuba, República Dominicana, Brasil, Matique, Bahamas, França e outros. Segundo Védrine (2007), existem comunidades haitianas em: Nova York, Miami, Montreal, República Dominicana e etc. Além disso, a autora afirma que dentre todas as formas linguísticas do crioulo, é na versão haitiana que se faz mais pesquisa em universidades internacionais.

Apesar do haitiano já ser falado há séculos, os interesses dos que comandam as políticas no Haiti tentam impedir que a língua haitiana se projete como uma língua de expressão verdadeiramente nacional, tanto em seu sentido cultural-intelectual como político-econômico, impondo ao povo a língua francesa, como oficial. Inclusive, é recente o reconhecimento da língua crioula como língua nacional, dado apenas em 1987 no governo Henri Namphy (Handerson, 2010).

Afinal, qual é a importância de trabalhar com um povo na sua língua originária, mesmo estando num país estrangeiro, longe de sua terra, dos seus costumes e da sua cultura? Especialmente, porque “a linguagem permite que os homens se comuniquem” (Claval, 2001, p. 89) e assim a relação entre pesquisador-pesquisado pode assumir um nível de maior seriedade, pois a comunidade haitiana se expressa mais profundamente a partir da língua materna. Transforma-se, assim, em uma comunicação que é, sobretudo, afetiva.

É possível especular que em uma entrevista onde o idioma escolhido não seja a língua materna do(a) entrevistado(a), muitas informações ficassem guardadas e não fossem reveladas. Nesse sentido, cabe no bojo da pesquisa a contribuição do filósofo francês Jean-Marc Besse (2013, p. 228) ao nos lembrar que a “língua primeira, materna ou paterna, língua de origem: nossa língua é a nossa casa”<sup>\*\*\*</sup>. Ela pode ser um elo que une os povos, o centro, a morada, o conforto, a saudade, o regresso, o consolo, entre tantos outros sentimentos.

O haitiano, por ser a língua dos imigrantes haitianos(as), confere ao pesquisador mais acessibilidade e possibilidades de descobertas e análises. Ao falar a língua haitiana, os imigrantes se sentem em casa e mais à vontade para explicitar as suas realidades que, às

---

<sup>\*\*\*</sup> Langue première, maternelle ou paternelle, langue d’origine: notre langue est notre demeure.

vezes, podem ser difíceis de serem expressadas na língua portuguesa, encaixando em outro contexto que não o idealizado pelo falante haitiano. Assim *Guerrier* nos relata que,

É na língua haitiana que posso me expressar muito melhor. É nela que posso dizer o que eu preciso e é nela também que posso responder as minhas necessidades de qualquer coisa que poderia precisar na vida, nas minhas atividades etc. É difícil você chegar num país onde você não fala o idioma, não encontra pessoas que falam a língua da sua mãe e do seu pai. O idioma haitiano me ajuda a falar o português, o utilizei como base, porque quando uma pessoa diz algo em português, tenho que buscar entendê-lo na minha língua para ter um melhor entendimento. É graças à língua haitiana que cheguei a entender a língua portuguesa. (Tradução nossa).

Além da narrativa de *Guerrier* sobre a importância da língua materna na sua vida, mesmo estando longe de sua terra, *Espérance* e *Persévérance* relatam também algo muito parecido. Respectivamente, relatam: “A língua haitiana para um haitiano(a) fora de seu país de origem continua sendo um elemento muito importante na sua convivência, porque quando estão somente haitianos num grupo, falamos apenas a nossa língua”. *Perseverance* nos diz que: “Hoje não tenho muitas dificuldades em falar a língua portuguesa, porém, quando estou com outros haitianos falamos sempre a nossa língua. Apesar de já termos conhecimento do português, optamos em preservar a língua materna”. Ambos os relatos nos permitem afirmar que a língua haitiana é utilizada para vincular valores e sentimentos em terras outras. É como se criasse um espaço familiar, onde o lugar haitiano se fizesse presente.

Reforçando a importância da comunicação de um povo na sua língua de origem, o historiador e filósofo francês Jean-Marc Besse (2004, p. 12-13) nos diz que “a única pátria real, o único chão em que se pode caminhar, a única casa onde se pode parar e abrigar, é a língua, aquela que aprendemos desde a infância”<sup>555</sup> (Tradução nossa). Assim, descobrimos os códigos linguísticos, as expressões sutis da cultura, os traços da sociabilidade. Tudo isso se revela com maior facilidade e profundidade quando estamos imersos no mundo da linguagem nativa, ainda que seus falantes estejam “despatriotizado”.

Até aqui, relatamos a importância da língua haitiana na convivência entre os haitianos(as), que remete sentimentos de pertencimento ao seu país, além de se constituir co-

---

<sup>555</sup> Finalement, la seule patrie réelle, le seul sol sur lequel on puisse marcher, la seule maison où l'on puisse s'arrêter et s'abriter, c'est bien le langage, celui qu'on a appris depuis l'enfance.

mo um elemento facilitador de aprendizagem da língua portuguesa. Em Porto Velho, os haitianos procuram a melhor maneira possível de se integrarem na sociedade brasileira, de uma forma ativa e participativa, trabalham, estudam etc., mas permanecem sempre ligados à sua terra natal, apoiando seus parentes economicamente, politicamente, emocionalmente, etc. Isso de certa forma colabora para que as raízes não sejam esquecidas, sobretudo a língua haitiana.

As pesquisas que envolvem histórias de vida são surpreendentes. Conhecer os anseios daqueles que produzem o fenômeno estudado nos permite diferentes visões e mudanças de concepções até então existentes. Pensar que os haitianos procuram pelo Brasil apenas para conseguir um emprego, aumentar a renda da família no Haiti, ou lutar para trazê-los para junto de si, é um ledo engano. Muitos saem do país caribenho em busca de conhecimentos e de oportunidades no campo do ensino básico e superior. *Guerrier* é um haitiano que aproveitou as oportunidades e ingressou na Universidade,

Bom, desde o Haiti eu tinha o objetivo de seguir estudando, meus parentes me permitiram concluir com o Ensino Médio e eu queria continuar com este estudo. Quando cheguei ao Brasil, sempre me dediquei à língua portuguesa, sabendo que é o primeiro passo que permitiria alguém entrar em uma faculdade. Tem que dominar a língua do país em primeiro lugar, assim, estudei a língua e logo procurei saber as informações necessárias para frequentar uma Universidade pública, porque não tinha condição suficiente para estudar numa faculdade privada. Não exercia um grande trabalho, pois trabalhei como auxiliar de pedreiro. Fiz a prova do Enem, passei, e é o único meio que me leva a frequentar uma Universidade Pública no Brasil (Tradução nossa).

Assim como a língua haitiana, a fé e a força também são consideradas como elementos importantes na cultura haitiana. A fé, algo subjetivo, surge para os haitianos quando escolhem cruzar fronteiras, enfrentar o “desconhecido”, viajar longe, sobretudo como refugiados, sofrendo os diversos tipos de abusos e humilhações no decorrer do caminho e/ou no país do destino. Mas, ainda assim não desistir dos sonhos, independente de qual seja, demonstra a força destes que a vida não deu outras escolhas a não ser alimentar a coragem e esperança para enfrentar as adversidades e ver oportunidades onde tantos outros não conseguiram enxergar.

No Haiti, as manifestações de fé são de grande importância coletiva e destacam-se em ordem decrescente o Catolicismo, o Vodou e o Protestantismo. Esses são os três maio-

res ramos de fé que compartilham o povo haitiano. Em Porto Velho, percebe-se uma situação diferente, onde os haitianos evangélicos constituem maior quantidade se comparado às religiões no Haiti. Daí surge a pergunta: por que essa diferença? Há respostas e estão diretamente relacionadas à maneira como cada haitiano/a procura estar próximo/a uns a outros e a manter viva sua cultura, sua haitianidade.

## **RELIGIÃO COMO MANIFESTAÇÃO DE FÉ**

A Geografia da Religião é uma área do conhecimento que tem como foco os estudos das relações entre a religião e o espaço. De acordo com Claval (1999), a religião passou a ser mais comumente estudada na Geografia a partir dos anos de 1950, quando houve uma significativa mudança na forma de conceber o fenômeno religioso depois de um maior diálogo com as Ciências da Religião de base fenomenológica. Ambas, Geografia e Religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacial (Rosendahl, 1995).

O sociólogo da religião Joachim Wach trata das representações religiosas propondo três distintos modos de expressão da atividade religiosa: um referente à estruturação teórica, outra à estruturação prática, concretizada no culto, e a terceira vista na expressão sociológica, na qual avalia a sustentação da religiosidade pelas relações sociais e institucionais (Wach, 1990).

As práticas religiosas e as crenças dos haitianos em Porto Velho, se espacializam da seguinte forma: reúnem-se, celebram cultos, cantam e pregam a palavra do Deus cristão segundo o ritual dos protestantes. Para eles, a religião é um lugar de comunhão e de sociabilidade que possibilita estarem juntos, não somente viver uma mesma fé cristã, mas também partilham a sua vida social. No objetivo de acolher e apoiar a quem precisa (JN Charles, 2020). O humano é um ser essencialmente espacial e a geografia é uma ciência que busca desvendar essa inter-relação. Cada povo tem os seus traços culturais e simbólicos específicos e a mudança para outro país acarreta, não apenas transformações materiais, no sentido econômico, mas também há transformações muito sutis relacionadas a formas de pensar e agir.

Para o geógrafo francês Paul Claval (2000, p. 77) as culturas se diferenciam de um indivíduo para outro, “de um grupo para outro, de um lugar para outro e de um período para outro, mas é possível compreendê-las como sujeitas aos imperativos da comunica-

ção”. Nesse sentido, trabalhar com os(as) haitianos (as) e sua espacialidade na Pan-Amazônia, através de sua língua materna e suas práticas religiosas, expressa a diversidade e a pluralidade que compõem o Brasil. E que é na diferença cultural que se tem beleza.

Não é muito difícil perceber que o modo de vida dos haitianos é distinto do modo de vida do povo brasileiro. Pensando na diferença e ao mesmo tempo na transformação que cada cultura realiza em um novo espaço é que vemos, de forma sensível, a dinâmica da cidade. Um dos elementos que nos chama atenção é uma igreja evangélica na cidade de Porto Velho com o nome de “Igreja Metodista da Comunidade Haitiana”, esse fato nos revela que os haitianos, mesmo longe de sua terra natal, buscam o encontro e a segurança de estarem uns com os outros, pois o fortalecimento também nasce da sociabilidade em estar entre pessoas de uma mesma nacionalidade. Vale ressaltar que nos cultos que acontecem nessa igreja – ou seja, dentro dessa sociabilidade específica – a língua falada é principalmente o haitiano. Daí a necessidade de uma igreja em que fosse especialmente focada para a comunidade haitiana.

Diante desse contexto, uma prática cristã muito comum entre eles é a doação de alimentos entre os haitianos que estão passando por necessidades, bem como a outras pessoas que carecem de ajuda. A relação com o Deus cristão, na concepção deles, os ajuda a viver de forma mais harmoniosa com as pessoas, a compreendê-los e a tratá-los como irmãos e irmãs, tendo condições de serem mais sensíveis às necessidades de outros seres. De acordo com Pereira (2016, p. 264) “a prioridade da religião não é simplesmente estar em comunhão com Deus, mas implica uma relação de amor ao próximo”. Essa prática, além de ser cristã, é também um dos elementos centrais levantados por alguns filósofos.

O filósofo judeu do século XX, Martin Buber (2001) em sua obra “Eu e Tu”, nos mostra como é de suma importância a necessidade de tratar a outra pessoa como um outro “eu”. Resignificar o “tu” ou o *outro* como o outro “eu”. A relação de alteridade vai se dar em ver no “tu”, um sujeito que precisa ser respeitado e tratado como o “eu” desejaria ser respeitado e tratado. Estender o cuidado, o acolhimento e o afeto para o *outro*, concebendo-o como se fosse “eu” é manter uma relação mais harmoniosa com os indivíduos. Isso é o valor filosófico que podemos aprender nessas práticas vividas pelos haitianos/as. Indo ao encontro dos mais necessitados, o “eu” enquanto individualidade egoísta, não cabe na linguagem haitiana, na fé que vivem e na relação enquanto irmãos. O “Eu e Tu”, mesmo

estando numa terra estrangeira, constituem uma mesma pessoa, o *outro* é a extensão do ser que “Eu” sou.

*Guerrier, Espérance e Persévérance* vivenciam a nobre realidade de viver em comunhão. Nessa ocasião, aproveitaram para ressaltar que o cristianismo é a religião onde eles nasceram, cresceram e continuaram adorando a Deus. Eles acreditam que as ações realizadas em prol dos que necessitam são diretamente realizadas em comunhão com o Deus em que acreditam. Além disso, para eles, Deus está presente onde há pessoas que falam em seu nome, que estudam seus ensinamentos, realizam ações visando o bem do próximo, independente se agora é a religião no qual nasceram, cresceram e optaram por seguir. Nas palavras de *Espérance*,

Então, na questão da religião é uma questão que varia conforme a fé que cada pessoa tem em Deus, e assim podemos determinar diferentes formas de religião. Desde criança cresci na religião cristianismo, cresci acreditando num só Deus, sendo o Cristo. Posso dizer que o cristianismo é uma religião que nos permite ter um estilo de vida diferente comparando com outras pessoas que são de outras religiões. Respeito todas as outras religiões que existem, porque não sei como elas funcionam (Tradução nossa).

O Deus que eles citam não os ensinou a amarem igrejas, nem a seitas religiosas. Ele os ensinou a amarem pessoas. Na concepção destes haitianos, se assim fizermos estaremos seguindo seus ensinamentos. Desta feita, ainda que algum indivíduo decida viver uma crença diferente da que os haitianos cristãos cultuam, como o Vodou, é obrigação de cada pessoa respeitar as escolhas individuais e distintas a nossa.

Segundo Rosendhal (1995), de modo geral, pode-se dizer que a experiência da fé nos classifica como crentes e descrentes. A fé identifica o crente em um sistema religioso e o investe de poderes que só ele obtém em sua experiência religiosa. Nesse caso, a fé significa liberdade, uma liberdade que vai permitir ao humano participar ontologicamente da existência de Deus, uma liberdade que vai encontrar sua validade e seu apoio em Deus. Para a autora, a perspectiva que interessa a pessoa geógrafa está na análise da experiência da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre.

Dentre as práticas espaciais que contemplam a fé no divino, estão as que abarcam a fé num futuro melhor, na irmandade e na ajuda dos irmãos e irmãs haitianos que iniciaram a jornada no Brasil, conforme *Persévérance*

A nossa fé praticada nos leva a colocarmos ao serviço dos demais. Isso é uma ação que está muito presente entre nós. O haitiano que chega a nossa igreja recebe o nosso apoio. Como por exemplo, na busca de emprego, orientações na obtenção de documentações e também para outros tipos de formações que os podem servir para sua melhor integração em Porto Velho.

Aprendemos com a comunidade haitiana no Brasil que podemos ser melhores se aprendermos a respeitar o que é diferente de nós. Tanto a língua crioula haitiana quanto a religião são elementos que demarcam suas diferenças e particularidades no território brasileiro, mas, além disso, demarca também a filosofia de um povo que luta para se manter firme, cultivando a humanidade, o amor e o respeito entre os seus e entre os outros. A religião, nesse caso, não é meramente dogmática, como bem coloca *Guerrier* “nos leva a ir ao encontro do outro, partilhando as suas dores e alegrias. Pensando assim, a nossa fé em Deus nós faz amar nossos irmãos e irmãs que compartilham o mesmo lugar que a gente”. A grandiosidade disso é expressa pelas junções silábicas que possibilitam o entendimento de que o diferente não é sinônimo de inimigo. É uma oportunidade para vivermos em harmonia juntando as nossas diferenças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É fato que a língua materna haitiana e a religião são fatores importantes na convivência dos imigrantes haitianos na cidade de Porto Velho, Rondônia - Brasil. Os dois elementos se configuram enquanto práticas socioculturais que contribuem para o fortalecimento da coletividade haitiana no Brasil, produzindo um sentimento de pertencimento e segurança.

Dessa forma, pode-se dizer que a pesquisa possibilitou a compreensão sobre os processos de sua interculturalidade construtores das formas de ser e viver dos grupos haitianos na cidade de Porto Velho, baseado nos estudos geográficos que valorizam a filosofia das religiões e a cultura. Ademais, acreditamos que a língua haitiana foi uma peça-chave nesse trabalho, pois através dela podemos perceber sutilezas e nuances do mundo vivido dos haitianos, antes não percebida ou pouco valorizada, quando expressada em português.

Um ponto importante dentro da temática linguística é a valorização de uma língua materna que até pouco tempo atrás era subjugada pela língua europeia dos colonizadores europeus, o francês. A comunidade acadêmica haitiana já vem a algum tempo trabalhando no sentido de romper barreiras e definir o haitiano como uma língua fundamental dentro

de um processo de legitimidade e dignidade da cultura haitiana. Assim, pesquisar o papel dessa língua fora de seu espaço original (o Haiti) relacionando-a com as categorias da geografia é uma possibilidade muito interessante dentro e fora do universo científico.

Em relação à religiosidade haitiana, fizemos uma breve explanação acerca da compreensão do haitiano evangélico. Entendemos que umas das principais razões para praticar a fé cristã - uma vez que já era parte de suas vidas desde o Haiti -, é porque ela é tida como uma maneira de seguir em irmandade com os irmãos de nação, possibilitando a manutenção da coletividade.

Estudar e compreender o modo de vida dos haitianos na Amazônia brasileira através de sua língua crioula haitiana e a sua religiosidade sob a perspectiva da geográfica, implica deparar-se com tradições outras, distintas e específicas de um povo em diáspora. É urgente que haja uma mudança do olhar brasileiro para com o imigrante: que o olhar de desprezo e inferioridade seja substituído pela receptividade, pelo acolhimento e pelo respeito, pois é de uma grandeza absurda deixar para trás seu país e suas origens em busca de uma vida mais digna. E a geografia nos dá a condição de remover as barreiras colonialistas e as armaduras presentes em nós, para que possamos fazer do local onde vivemos um espaço de esperança, bem viver, solidariedade e principalmente humanidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSE, Jean-Marc. *Hatiber: un monde à mon image*. Paris: Flammarion, 2013.

Brasil e Haiti fecham acordo para deter imigração ilegal. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/brasil-e-haiti-fecham-acordo-para-deter-imigracao-ilegal/>. Acesso em 04 de novembro de 2021.

BRASIL. *Atlas geográfico escolar*. 6ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Trad. do alemão, introdução e notas de Newton Aquiles Von Zuben. 10ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.

CLAVAL, P. O Tema da Religião nos Estudos Geográficos. In: *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, n. 7, janeiro-junho de 1999. pp. 37-58.

CLAVAL, P. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). *Matrizes da geografia cultural*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001 [2000].

Fim da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. Disponível em <https://www.campograndenews.com.br/artigos/fim-da-missao-das-para-a-estabilizacao-do-haiti>. Acesso em 04 de novembro de 2021.

Haïti: bilan officiel du séisme de plus de 222.500 morts. Disponível em: <http://www.leparisien.fr/flash-actualite-monde/haiti-bilan-officiel-du-seisme-de-plus-de-222-500-morts-24-02-2010-827186.php>. Acesso em 05 de novembro de 2021.

HANDERSON, Joseph. *Vodu no Haiti, Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2010.

HANDERSON, Joseph. *Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: UFPJ, 2015.

INFANTE, Alan. *Hispaniola: uma ilha, dois mundos*. Haiti e República Dominicana, que dividem o território da segunda maior ilha do Mar do Caribe, exibem indicadores sociais bem diferentes. PNUD. 24 jun. 2005. Disponível em <http://www.pnud.org.br/Noticia.aspx?id=285>. Acesso em 30 de maio de 2021.

JN CHARLES, Charlot; SILVA, J. C. O sistema educativo da República do Haiti: os Ciclos de Ensino com ênfase no ensino da Filosofia. In: CERQUEIRA, Claudia Cleomar Araujo Ximenes; SOARES, Danúbia Zanotelli; CHARLES, Charlot Jn (org.). *Café com educadores: espaço escolar, lugar de inclusões e interações socioeducativas*. Curitiba: CRV, 2018.

JN CHARLES, Charlot. *O haitiano e a procura do lugar na diáspora para a Amazônia: língua, religião e representações*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2020.

LOCKHART, Nicolás Pedro Falomir. *Haïti : une démocratie sans élections ni institutions?* Disponível em [https://www.ieim.uqam.ca/IMG/pdf/cei\\_npfl\\_haiti\\_fev2015.pdf](https://www.ieim.uqam.ca/IMG/pdf/cei_npfl_haiti_fev2015.pdf). Acesso em 31 de setembro de 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

PEREIRA, Rosa Martins Costa. *Lugaridades com haitianos evangélicos*. Tese (Doutorado em Geografia). Curitiba: SCT/DG/PPMDG/UFPR, 2016.

Résolution 1542 (2004) Adoptée par le Conseil de sécurité à sa 4961e séance, le 30 avril 2004. Disponível em [http://www.haiticulture.ch/Resolution\\_1542.html](http://www.haiticulture.ch/Resolution_1542.html). Acesso em 19 de junho de 2022.

ROUPERT, Catherine-Eve; SALGON, Jean-Jacques. *Histoire d'Haïti. La Première République noire du Nouveau Monde*. Disponível em <https://www.lemonde.fr/livres/article/2011/01/12/histoire-d-haiti-la-premiererepublique-noire-du-nouveau-monde-de-catherine-eve-rou>

[pert-et-ma-vie-a-saint-domingue-de-jean-jacques-salgon\\_1464575\\_3260.html](http://pert-et-ma-vie-a-saint-domingue-de-jean-jacques-salgon_1464575_3260.html). Acesso em 20 de junho de 2021.

ROSENDAHL, Zeny. Geografia e Religião: uma proposta. In: *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, ano I, outubro de 1995.

SCHEINKMANN, Débora Cristina Freytag. *Os haitianos no Brasil: entre uma questão ambiental, de legalidade e de dignidade humana*. Dissertação (Mestrado em Ciência Jurídica). Vale do Itajaí: UNIVALI, 2016.

VÉDRINE, Emmanuel W. You koudèy sou Problèm lekòl Ayiti, 2007. Disponível em: <https://www.potomitan.info/vedrine/koudey.pdf>. Acesso no dia 20 de setembro de 2021.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WACH, Joachim. *Sociologia da Religião*. São Paulo, Paulinas. 1990.

## ABSTRACT:

In this article we discuss the way of life of haitians in Porto Velho – RO, taking into account aspects such as language, in this case Haitian Creole, and religion. This research was carried out using bibliographic data, participant observation and oral history. To obtain the data, we conducted interviews in Haitian Creole, the mother tongue of the main author and the interviewees. The research made it possible to understand interculturality in the migration process of Haitians in Porto Velho – RO, since the mother tongue and religion are elements that are configured as sociocultural practices that contribute to the strengthening of the Haitian community in Brazil, producing a feeling of belonging, acceptance and security.

**Keywords:** Haitian Immigration; Creole Language; Religion; Community.

Recebido em 12/05/2024

Aprovado para publicação em 12/06/2024